

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE BIOLOGIA  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

TÁBATHA DANIELLE FERREIRA ARANTES VIEIRA

NARRATIVAS AFETIVAS DE UMA INTERVENÇÃO ARTÍSTICO-EDUCATIVA.

UBERLÂNDIA

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE BIOLOGIA  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

TÁBATHA DANIELLE FERREIRA ARANTES VIEIRA

NARRATIVAS AFETIVAS DE UMA INTERVENÇÃO ARTÍSTICO-EDUCATIVA.

Trabalho de Conclusão de Curso para a  
obtenção do título de Licenciatura em Ciências  
Biológicas da Universidade Federal de  
Uberlândia.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia de Fátima Dinelli  
Estevinho

UBERLÂNDIA

2023

## RESUMO

Praças são conhecidas como espaços públicos, que podem ser utilizados para comércio, lazer, educação, entre outros. Entendendo a praça como um meio de interação social e educacional, esse trabalho tem como objetivo compor narrativas fabulativas, criadas a partir de fotografias e memórias de uma intervenção artístico-cultural na praça José Motta localizada no Bairro Morada da Colina, Uberlândia – MG, produzindo um trabalho educativo em um espaço público, para que o olhar biológico, cultural, social, artístico e educativo atravessasse os muros da escola em forma de afetos e narrativas.

Palavras-chaves: Fabulação, Intervenção, Praça, Narrativas, Afetivas.

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 - A INTERVENÇÃO NA PRAÇA .....</b>	<b>8</b>
<b>3 - NARRATIVAS DE AFETO.....</b>	<b>14</b>
<b>4 - OUTRAS NARRATIVAS.....</b>	<b>17</b>
<b>5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>20</b>

## 1 – INTRODUÇÃO

"Mas, afinal, onde estão as plantas? Pensando a respeito da dificuldade de se contextualizar a vida vegetal de forma que contribua para uma melhor interação com as plantas, cabe o questionamento de como elas se encaixam em nossas vidas, como elas aparecem no nosso cotidiano, como fizeram parte de nossa infância e de que maneira toda essa relação pode nos ajudar a aprender a respeito destes seres vivos." (MACHADO; AMARAL, 2014, p.3)

Quintais e praças sempre levantaram a minha atenção, desde muito nova até após a adolescência. Sempre repletos por plantas, flores e por árvores que forneciam a sombra onde eu me abrigava. Durante a faculdade não foi diferente, logo no começo já me encantei com uma árvore em específico do *Campus*, e que se tornou ponto de encontro para as turmas e colegas da faculdade. Quando criança, sempre gostei muito de natureza e de ficar o máximo possível em contato com o ambiente natural. Na casa das minhas duas avós tinham quintais grandes e repletos de árvores, as quais marcaram toda a minha infância, tinha um pomar, onde podíamos colher acerola, mexerica, maracujá, goiaba, figo, limão, banana, entre outras frutas. A minha preferida era a acerola, mas também tinham algumas árvores que me atraíam por conta das flores e de seus longos galhos que me permitiam subir entre eles e alcançar determinada altura que nos recompensava com uma vista privilegiada de uma parte da rua.

Minha ligação maior era com a árvore dama da noite, conhecida cientificamente como *Cestrum nocturnum*. Seu perfume noturno é inconfundível, e suas frutinhas vermelhas após a floração alegravam as tardes com meus primos e primas, pois eram usadas como munição para guerrinhas, brincadeiras de crianças. Além dessas características, a minha ligação com essa árvore era diferente: tinha o costume de sempre subir nela, e achar lugares confortáveis para que pudesse descansar e admirar a paisagem que conseguia ter de cima dela. E foi escalando a árvore quase todos os dias que eu e minhas duas primas começamos a dar nome para os lugares mais confortáveis, e a chama-la de árvore-casa; dentre esses lugares existiam três que eram os nossos preferidos: O quarto, o sofá e o guarda-roupa, fizemos algumas analogias para dar nome a esses lugares; tal como no sobrado da casa dos meus avôs, o quarto ficava no piso superior e em nossa árvore ele também ocupava o lugar mais alto. O sofá era o lugar mais espaçoso, que nos permitia deitar e contemplar o momento e por último o guarda roupa; para gente era o local mais fofo e confortável, e recebeu esse nome justamente pelas roupas confortáveis e são guardadas nele, e porque na árvore também existiam lugares para pendurar as

roupas, assim como os cabides nos guarda roupas.



Foto 1 e 2 - Casa de meus avós, com destaque da árvore Dama da noite.

As vezes sozinha em cima da árvore, ou as vezes com minhas primas, eu ficava observando o tempo, observando as formigas que carregavam folhas para suas colônias, e admirava como conseguíamos viver aquele momento em perfeita harmonia e sincronização: eu, a árvore e todos os insetos que habitavam nela. Daquele lugar da árvore também observava o movimento da rua; admirava minha mãe colher folhas da árvore de canela para preparar o chá da tarde e, era de onde aguardava ansiosamente meu pai me buscar para nossos passeios do fim de semana. Lembro que sempre íamos à praça ou ao bosque, cercado de árvores e flores. As praças da minha cidade natal sempre me encantaram, principalmente nas primaveras onde suas belas árvores ficavam repletas de flores, e era ali que nascia o meu amor por praças.



Foto 3 – Praça Manoel Bonito – Araguari – MG

Durante todo meu período de educação escolar, estudei em escolas que se localizavam em frente de praças, e eram nelas que ficávamos após as aulas conversando com os amigos e contemplando o lugar. Como as praças eram sempre em frente às escolas, muitos professores nos levavam para aulas ao ar livre e aulas práticas na praça e acredito que foi assim que lá no meu subconsciente despertei meu interesse em ver a praça como um lugar de aprendizado, ainda que nessa época não entendesse a importância e de como isso iria influenciar a minha formação como professora hoje.

As praças sempre fizeram parte do meu processo educacional, desde aulas onde ficava sentada no gramado, em aulas práticas onde o objetivo era observar e investigar e até mesmo em momentos de intervenção, onde nós alunos entrevistávamos as pessoas que frequentavam e passavam pelas praças, ou quando fazíamos alguma campanha de conscientização da importância da preservação das praças. Hoje as praças continuam fazendo parte da minha formação como professora, como fizeram durante toda a minha graduação.

Essa ligação com a praça em processos de ensino e aprendizagem que vivenciei nas escolas e também no convívio com os meus familiares me conduziu a escolher a praça como objeto de estudo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Vou tratar neste trabalho de uma intervenção realizada na Praça José Motta localizada no Bairro Morada da Colina, Uberlândia - MG, para a disciplina Biologia e Cultura do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia.

Percorrendo as memórias e as fotografias me deparei com a seguinte reflexão: durante nossas visitas à praça sempre procuramos por lugares frescos e com sombra para nos abrigar enquanto observávamos e realizávamos nossas anotações, e esses lugares sempre eram embaixo de longos galhos de árvores que projetavam sua sombra no chão e nos davam o prazer de sentir o aconchego de sua sombra. E foi assim que surgiu um primeiro questionamento: como as pessoas podem sempre estar a procura de sombras e lugares frescos se não querem no mínimo conservar as árvores e preferem cortá-las para evitar a sujeira quando suas folhas caem ao chão? Preferem toldos de plástico para não terem que correr o risco que algum pássaro perturbe o seu sossego? Para mim, nenhum toldo supera o frescor e a sombra que as árvores proporcionam.

## **1.1- EXPONDO MEUS OBJETIVOS**

Diante das reflexões apresentadas, o objetivo do presente trabalho é compor narrativas afetivas a partir de memórias de uma atividade de intervenção realizada em uma praça como proposta de trabalho da disciplina Biologia e Cultura, realizada no segundo semestre de 2018. As narrativas buscam discutir uma educação do sentir, da sensibilização, da arte e da cultura em conexão com a biologia.

## **1.2 - CARTOGRAFIA DOS AFETOS**

A metodologia consistiu em percorrer as fotografias e ideias, que fizeram com que a intervenção tomasse forma e fosse um trabalho educativo em um espaço público, para que o olhar biológico, cultural, social, artístico e educativo atravessasse os muros da escola em forma de afetos e narrativas. Busquei as fotos em meu acervo pessoal e no grupo do Facebook destinado a matéria de Biologia e Cultura, separei todas as fotos dos dias das intervenções e escolhi algumas para integrar esse trabalho. Antes que pudesse me aventurar nas edições, imprimi oito dessas fotos para analisar e pensar na criação de sensações e memórias que essas fotos me traziam. Dentre essas, 4 me preencheram e atravessaram durante essa busca, despertando para a construção de narrativas afetivas. Depois de já escolhidas as fotos, comecei a fabular sobre os acontecimentos que eu queria e esperava que acontecesse e fui trabalhando na edição das fotos com base nas minhas expectativas e sentimentos. Percorrendo sobre elas, comecei também a entender sobre os acontecimentos que poderiam ter acontecido sem que eu imaginasse e fabular em cima desses acontecimentos. Foram usados os programas de edição Canva e Photopea para a edição de imagens e construção de novas fotografias a partir de lembranças e sentimentos que as fotografias me traziam.

Para Deleuze e Guattari (1997) a cartografia envolve o processo de criação de mapas rizomáticos, enfatizando e considerando as multiplicidades e as relações que se expandem de um contexto educacional, buscando mapear os afetos, as conexões, os encontros e fluxos presentes nas práticas educativas, a fim de descrevê-los e documentá-los. Por tanto a cartografia foi o método utilizado para a curadoria das fotos, tecendo fios entre memórias, emoções e ensinamentos, como professora, aluna e cidadã.

## **2 - A INTERVENÇÃO NA PRAÇA**

Praças são espaços públicos, e sua origem está relacionada ao surgimento de



idades (NOVAES, 2011). No Brasil, as primeiras praças brasileiras foram construídas no entorno das igrejas, constituindo os primeiros espaços livres, públicos e urbanos no período colonial (GOMES, 2007).

Entendendo a praça como um meio de interação social, podemos destacar eventos que ocorrem em praças, que fortalecem a ideia de convivência e aprendizagem nesse espaço público. Buscando referências de teóricos educacionais encontramos alguns autores, (BRANDÃO, 2005; FREIRE, 1968 e UMHOLTZ,2013) que destacam a importância de utilizar outros espaços além da escola para a educação, onde o espaço e o envolvimento com a natureza é importante para que os alunos se envolvam com o tema e participem da sua própria educação.

Muitas vezes somos levados a pensar que ensinar e aprender é uma viagem de ida e volta que se passa em sala de aula, na escola. A escola é o lugar social da educação. Esta é uma idéia correta, mas não inteiramente. A educação que vivemos na escola, como estudantes, como professores, como as duas “coisas” ao mesmo tempo, é uma fração importante de nosso aprendizado, mas não única. (BRANDÃO, 2005, p.85).

Como espaço educativo podem ser considerados diversos ambientes coletivos, como parques, áreas verdes e praças. Esses lugares têm grande potencial para se tornar um agente educacional de hábitos e ideias e dessa forma contribuir para evolução da consciência ambiental (AMARAL, 2017). Podemos então entender a praça como um espaço de interação social entre diversas classes e pessoas, e atribuí-la à imagem de um espaço educacional.

Foi entendendo a praça como espaço público de interação social e de educação que surgiu na primeira aula de Biologia e cultura a proposta de realizar um trabalho de intervenção na praça. O texto “ Um pé de cultura e de milho, angico, mangaba e baobá” de Clara de Carvalho Machado e Marise Basso Amaral, discutido em aula, fomentou discussões referentes ao ensino padrão, mas também abriu possibilidades de se discutir um ensino acolhedor, contextualizado nas vivências das pessoas e assim, a ideia de explorar outros espaços além da escola para ensinar e também levar para a sociedade um ensino inclusivo, que rompa com as grades do espaço acadêmico.

A partir das reflexões e diálogos compartilhados em aula, sempre cheios de afetos e lembranças, a semente para a intervenção foi plantada e regada para que pudesse

acontecer, sem ressalvas e sem dificuldades toda a turma se envolveu e, assim, começaram a surgir as ideias para a intervenção na praça. Durante a primeira visita na praça, tivemos a presença de alguns ecólogos que nos ajudaram a identificar as árvores presentes naquela praça. No decorrer da visita, foram realizadas perguntas aos ecólogos sobre as características das árvores e as respostas serviram como provocação para que pudéssemos pensar e nos identificar com uma das árvores. A partir dessa conversa com todos os presentes, fomos estimulados a escolher uma árvore para conhecer melhor, e as que mais me chamaram atenção foram os ipês, que na época que visitamos a praça não estavam mais floridos, pelo contrário, estavam secos e sem suas folhas, porém com sua presença sempre marcante.

Desde o primeiro momento de observação não tive dúvida em qual árvore iria escolher, restava apenas desenvolver o que estava sentindo naquele momento para começar a preparar a minha intervenção. O processo de pensar-sentir-criar me fez navegar em lembranças de afeto e carinho com a natureza. Minha ideia era guiar por meio de frases e versos um sentido para a natureza ser uma importante conexão com o eu interior, o amor próprio, e o amor ao próximo. E foi assim que surgiu a ideia de um caminho de barbante entre uma árvore e um poste de luz, fazendo uma conexão visível e invisível, entre o vivo e o não vivo. O barbante se transformou em um varal de recados, e esses recados eram repletos de afeto, dessa forma o barbante se tornou responsável por intermediar essas mensagens, entre quem tivesse um minuto para parar e apreciar os bilhetes e as ligações entre as interações e reflexões que cada mensagem trazia, colocando a natureza em foco e buscando afetar quem estivesse lendo aquelas palavras.

A cartografia entra assim como uma importante metodologia para pesquisas que caminham no processo do afeto e de construir mundos. “ROLNIK (2011) dizia que Cartografar é mapear experiências que nos afetam trazendo outros olhares, novas direções e agenciamentos que se formam, transformam e nos transformam. A cartografia em si mesma é criação de mundos.” (BORGES, 2021.) E é dessa forma que a cartografia cria rizomas e desdobramentos sobre histórias e sentimentos invisíveis presentes na intervenção, de modo que tento trazer um pouco desses momentos invisíveis e afetos pelas fotografias apresentadas abaixo.

Um barbante sai de uma árvore e se liga à um poste de luz, esse barbante representa a conexão entre o vivo e o não vivo, entre a vida e a morte, entre os desejos e a realização, trazendo consigo mensagens que inspiram e nos fazem refletir. Percorrendo

por meus pensamentos e memórias, tenho a sensação que tudo que essa imagem representa, vai além dos olhos, e dessa forma comecei meu processo de intervir na imagem de acordo com o sentimento que tinha no momento em que a foto aconteceu.



Foto 4 – Foto da intervenção na praça.



Foto 5 – Fotografia manipulada pelo aplicativo Canva.

Tudo foi pensado e até mesmo os mínimos detalhes eram importante para a criação e para transmitir a ideia e sensações que eu queria. O barbante colorido, trazia a alegria, as flores penduradas no barbante, me atravessaram como a fragilidade humana, as mensagens que hora eram reflexivas, hora eram de amor próprio. Frases de autores famosos e ao mesmo tempo frases de autoria desconhecidas, tudo ligado por um mesmo fio, tudo percorrendo o mesmo fio, que iniciava na árvore que representa a vida e encerrava no poste de luz, que representava o fim da vida, o fim do ciclo. As flores coloridas representavam as alegrias e o espaço entre elas a tristeza, assim como na vida, assim como os altos e baixos, os momentos felizes e triste, e também os momentos de floração e momentos de seca.

Durante o processo da intervenção e da montagem dos trabalhos, tivemos a presença da estagiária docente Daniela Cario, que contribuiu tirando as fotos nos períodos

de produção dos trabalhos e logo após os trabalhos prontos. Percorrendo por essas fotos, encontro uma foto em que estou distraída, finalizando o processo de colocar as mensagens escolhidas no cordão, no mesmo momento me recordo de uma foto tirada na minha infância, que se assemelha muito e me remete lembranças felizes, dos tempos em que ia para a praça passear e contemplar a belezas das flores junto da minha família. Gosto de imaginar que uma faculdade e alguns anos separam a Tábatha da primeira para a segunda foto, porém o amor por plantas e natureza durante esse tempo só aumentou.

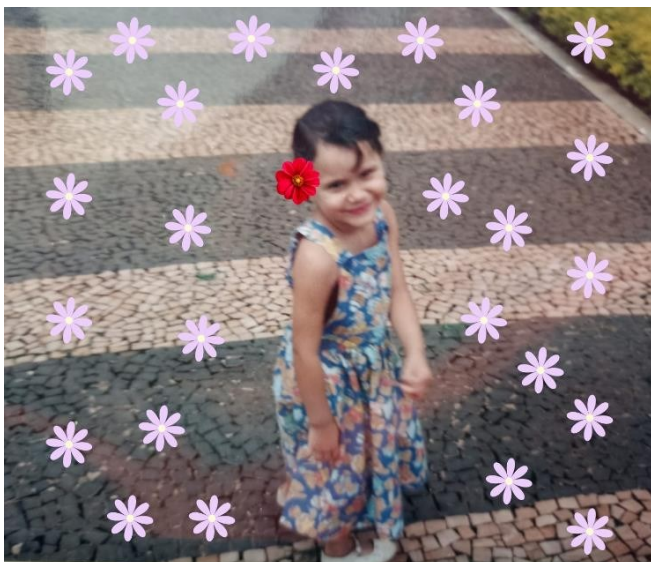


Foto 6 – Acervo pessoal.



Foto 7 – Foto no dia da intervenção.

Acredito que a flor no cabelo deve ser um elo, que une as duas fotos em épocas diferentes, na primeira uma flor colhida de uma árvore e na segunda foto, uma flor feita de papel crepom. A consciência de uma foto para a outra também teve uma grande mudança, em trocar o natural pelo artificial, e admirar o belo no seu lugar, sem precisar de colher uma flor da árvore para enfeitar o cabelo e saber que a flor mesmo sendo tão bonita, fica mais bonita no seu ambiente natural e não colhida apenas para admiração.

Ao final da montagem, senti meu coração encher de felicidade, pois consegui transmitir em um varal de barbante mensagens que pudessem aquecer o coração de quem



passasse naquele lugar e tirasse um minuto para a breve leitura dos recados, ou que quisesse levar as mensagens embora consigo. Ao olhar a foto sinto que meu sentimento estava ali, todo o meu amor e o amor que eu queria que as pessoas sentissem.



Foto 8 – Fotografia da intervenção.



Foto 9 – Fotografia manipulada com o Canva.

Ao olhar a foto ainda sinto a mesma sensação, o amor presente em cada detalhe e no meu olhar vejo ligações invisíveis, e foi dessa forma que comecei a desdobrar sobre a foto o meu sentimento e sobre o que eu via nos fios invisíveis. Em cada recado eu via o

afeto, em cada flor uma esperança, e queria que essa mensagens transbordasse no meio das pessoas e fizesse uma pausa para que elas lembrassem que ainda existem esses sentimentos mesmo em um dia longo e exaustivo de trabalho, ou em um dia cansativo e estressante, sentia que esses recados nem que fosse por um momento poderiam cobrir a falta de afeto na vida de alguém, que a ansiedade e correria de uma dia de trabalho pudesse dar uma pausa com as mensagens e acalmar a alma turbulenta. As ligações invisíveis, que não vemos, mas podemos sentir, sentimos o toque, o cheiro, o carinho e o afeto, e são esses fios que tecem e se emaranham em um punhado de sentimentos que por um momento pode mudar o dia de uma pessoa.

### 3 - NARRATIVAS DE AFETO



Ao voltar na praça dias após a nossa intervenção, me deparei com o cenário um pouco diferente do que deixamos, minha intervenção já não estava completa, e isso não me deixou triste, pelo contrário, a minha ideia era que as pessoas levassem em sua companhia as mensagens e até mesmo as flores de crepom. Nesse dia, restou apenas algumas flores de crepom no barbante, já desbotadas pela chuva e pelo Sol.

Foto 10 – Fotografia da intervenção após alguns dias e a intervenção do tempo.

Olhando para o produto final dessa intervenção e para o que sobrou, me passaram várias ideias na cabeça: imaginei o que poderia ter acontecido, enquanto não estávamos na praça e não estávamos presenciando as ações de humanos e não humanos em interação com a nossa intervenção. Dessa forma as fotos abaixo são o resultado de um processo de fabulativo do que possa ter ocorrido.



As borboletas após uma longa viagem e buscando conforto em flores, vem até o barbante e encontram bilhetes afetuosos e com toda sua delicadeza destacam os bilhetes e resolvem espalha-los por outros lugares e saem de forma graciosa levando o bilhete em um voo pela cidade. As pessoas que estão passando na praça naquele momento, veem as borboletas saindo com esse pedaços de papéis e se interessam para verificar o que tem naquele fio de barbante, após ler os recados, uma mulher decide pegar um flor de papel crepom e colocar no seu cabelo, como um enfeite e como lembrança daquele bilhete que ao ler conseguiu mudar o seu dia, fazendo com que ele fosse mais alegre e esperançoso e a flor é justamente a lembrança que ela irá carregar com ela, daquele momento de contemplação, alegria e compaixão que a percorreu durante o dia.

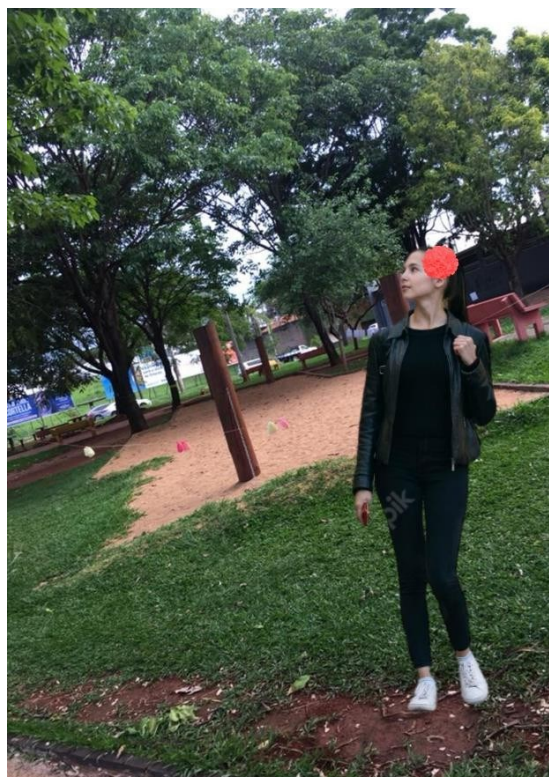


Foto 11 e 12 – Fotografias manipuladas nos aplicativos Photopea e Canva.



Por um momento imaginei crianças brincando de futebol na areia e aproveitando uma tarde de sol depois das aulas, enquanto um chute na bola acerta o varal, uma das crianças com toda a sua curiosidade repara nos bilhetes e decide levar um embora para dar de presente para sua mãe ao chegar em casa.

Foto 13 – Fotografia manipulada nos aplicativos Photopea e Canva.

Uma família realizando um piquenique em um domingo à tarde junto as crianças e aproveitando o espaço e os balanços da praça, a mãe para e observa o varal e seus bilhetes e então mostra aos filhos, o que gera uma curiosidade sobre como aquele barbante e recados foram parar naquela praça e qual seria o objetivo daquele varal tão incomum naquele ambiente. A mãe com toda sua sutilidade, informa que não sabe ao certo, mas incentiva a imaginação da família para que cada um invente uma história de como aquele barbante com recados e flores foram parar ali. Uma das crianças fala que foi uma outra mãe que criou o barbante, outra já fala que foi a árvore que gerou toda aquela decoração para chamar atenção para ela e assim essa família passa uma tarde conversando e fabulando histórias sobre a intervenção sem nunca saber ao certo como foi feita.



Foto 14 – Fotografia manipulada nos aplicativos Photopea e Canva.



Uma outra família levando os seus pets para um passeio e parando para entender o que significa todas aquelas mensagens passadas pela intervenção, pessoas caminhando, pessoas sentadas no banco apreciando a paz que uma praça traz.



Foto 15 – Fotografia manipulada nos aplicativos Photopea e Canva.

#### 4 - OUTRAS NARRATIVAS

Outras intervenções realizadas pelos colegas da disciplina também me chamaram atenção e me trouxeram novos pensamentos-afetos que permeavam os momentos de criação da intervenção. No artigo “Movimentando pensamentos e criações no experienciar docências”, Estevinho e Amorim (2022) comentam sobre processos criativos nas disciplinas de dois cursos de formação de professores, sendo uma delas justamente a intervenção que trato nesta pesquisa. Estes autores trazem exemplos desta atividade de intervenção, estudando os processos criativos com a pesquisa-criação.

Um grupo criou um cachecol para um Flamboyant, depois de perceberem que na árvore havia cobertas que, provavelmente pertenciam aos moradores de rua, e fizeram um momento de arrecadação de itens básicos para esses moradores da praça e deixaram alguns recadinhos no cachecol, junto com as arrecadações.

Dois colegas escolheram um ipê sem flores, e fizeram uma comparação a pessoas com depressão, que no momento da flora, todos admiram, assim como os momentos de

alegria, mas que quando estão tristes não é notado, assim como o ipê sem flores, e dessa forma penduraram flores de papel que tinham mensagens de acolhimento que estavam passando por depressão e também alguns sintomas que essa doença causa. (ESTEVINHO; AMORIM, 2022)

Compor linhas de afeto e de fuga. Depois, territorializar as memórias criativas advindas das intervenções realizadas ao longo das turmas de Biologia e Cultura. A questão que não se cala é se, de fato, um entre as disciplinas se estabeleceu. A certeza é que abriu brechas, fissuras, novas experimentações. E essas, sim, são o entre, o meio, a imediação, o que não está dado a priori (ESTEVINHO; AMORIM, 2022. p.16).

Outro grupo, pediu para que umas turmas de crianças da escola aonde estavam na época realizando o estágio supervisionado da Licenciatura, desenhassem as fases de um ipê em um papel A4, e utilizaram esses desenhos para exibição na praça, todos pendurados em barbante que fazia um zig-zag. Assim podíamos observar as diversas formas que as crianças enxergavam o ipê, alguns floridos, outros secos, alguns germinando a semente, e outros servindo de abrigo para aves.



Foto 16 – Montagem das fotografias da intervenção.

Algumas intervenções, ainda seguiam intocadas, outras estavam com a marca do tempo, da chuva, sol, vento e ações da própria natureza, como no caso das folhas bordadas, que na minha concepção ficaram muito mais bonitas.



Foto 17 e 18 – Fotografia Antes e Depois

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levo para mim as memórias de um trabalho que foi importante para a minha vida pessoal e profissional, como aluna e como professora, e também como aquela menina pequena que sempre gostou de árvores e de praças. As marcas são invisíveis, os fios que me fazem percorrer a memória e lembrar com carinho desse trabalho vão sempre estar presentes na minha atuação como professora e como pessoa. Escrever sobre um estudo que fala sobre os sentimentos, é escrever com o coração e com a alma, e reviver cada momento de felicidade e distração que esse momento proporcionou em minha vida, quando estava passando por um momento delicado. Pensar com árvores, e como elas me trouxeram uma força e uma alegria necessárias para escrever sobre os momentos escondidos nas memórias.

## 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades aprendentes. Encontros e caminhos, 2005.

BORGES, Nicole Cristina Machado et al. Abelhas melíferas compondo paisagens em ruínas: o que é possível (re) existir em uma educação no Antropoceno? 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia. Tradução Suely Rolnik. **São Paulo: Editora 34**, 1997. (v. 4).

ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Movimentando pensamentos e criações no experienciar docências. **Revista Educação em Questão**, v. 60, n. 64, 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 1971.

MACHADO, Clara de Carvalho; AMARAL, Marise Basso. Um pé de cultura e de milho, angico, mangaba e baobá. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 16, n. 30, 2014.

AMARAL, Gabriel Buffon do; DOS SANTOS, Ricardo Miranda. O potencial educativo das praças como espaço educador sustentável. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 13, n. 2, 2017.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. De largo a jardim: praças públicas no Brasil— algumas aproximações. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 5, n. 1, p. 101-120, 2007.

NOVAES, Raquel Santos de et al. A dinâmica de uso da praça Olavo Bilac no contexto da cidade de Belém. 2011.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do Desejo. **Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS**, 2011.

UMHOLTZ, Justin. Re-engaging youth through environmental-based education for sustainable development. **Journal of Sustainability Education**, v. 5, n. 5, 2013.